

Antonio Arnoni Prado. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010. 295p.

Mais de trinta anos após sua defesa, *Itinerário de uma Falsa Vanguarda*, tese de doutoramento do professor Antonio Arnoni Prado, finalmente chega à forma de livro em edição integral. Além do texto irrepreensível, a edição da Editora 34 traz diversas fotos ilustrativas, tanto dos intelectuais que compõem o panorama delineado pelo livro, como dos diversos periódicos citados, sempre somados a uma breve contextualização histórica. O argumento central do livro, em parte por sua força e em parte por sua edição parcial anterior (Brasiliense, 1983), já é bastante conhecido do estudioso brasileiro – a saber, a presença dentro do modernismo de 1922 de um setor reacionário e de menor valor artístico, que teve como seus membros mais conhecidos Graça Aranha e Ronald de Carvalho, exemplos de intelectuais que, segundo Arnoni Prado, se aliaram aos interesses das elites em prol de privilégios e em detrimento de sua independência artística. Em sua versão integral, entretanto, o livro ganha, além de mais densidade e detalhe, espaço para tratar de forma mais amíuê esse trajeto pouco conhecido, que liga os vanguardistas de ocasião que integraram o modernismo às elites que desde sempre governaram o país. Ademais, essa nova edição apresenta o capítulo “O dândi, a aura e o rastro”, dedicado em grande parte a João do Rio, personagem curioso e interessante do *milieu* literário do início do século XX e que, na versão anterior, mal chegara ao leitor.

O trajeto proposto por Arnoni Prado é simples e direto, suas consequências, entretanto, são complexas. Com o advento da República e o natural rearranjo das classes detentoras do poder, surge a possibilidade para uma maior participação política do “homem de letras” junto às oligarquias que buscavam se manter no comando do país. Nesse rearranjo, aparecem os oportunistas que, para atingirem seus objetivos, adaptam suas ideias da maneira que melhor lhes convêm, sempre se aliando às forças “vencedoras”. No campo das letras, como bem sabemos, isso equivale a fornecer justificativa ideológica para o domínio de poucos sobre muitos, para a sobrevivência de uma elite de privilegiados que reina sobre a miséria e subdesenvolvimento alheios.

No advento da República, momento de antipassadismo e ufanismo pela pátria que se (re)formava, surge em nossos círculos “esclarecidos” o movimento “naturista” brasileiro, comandado por Elísio de Carvalho, o qual, vestido de vanguarda, oferecia suporte para a elite que lutava para se manter no poder diante do novo cenário democrático. A partir da análise de periódicos como a revista *A Meridional* e do *Manifesto Naturista*, além da superficial modernidade de João do Rio, o autor mostra como, na esteira do ufanismo e antipassadismo que reinavam, começa a se formar um grupo de intelectuais dissidentes que, incentivados pelo momento de grande nacionalismo, professavam uma supervalorização pouco crítica da cultura nacional. Alimentavam, também, o mito do “homem ideal”, indivíduo que teria condição e cultura para levar a nação adiante, modernizando-a, mas que, de fato, como bem mostra a análise em questão, servia de máscara e justificativa para a manutenção de uma elite conservadora a qual se importava somente com seus próprios privilégios. Ideias novas, mas para os mesmos e velhos fins. Vestido de vanguarda, “o elitismo anarcoide” de Elísio de Carvalho “utiliza ideologicamente o prestígio formal da modernidade, tomando-a, porém, no sentido inverso do que propõe” (33), fazendo da mudança instrumento de continuidade e dando, assim, início a uma vertente de intelectuais de segunda que se manterá acesa e militante em parte do modernismo e que, *mutatis mutandis*, se mantém até os dias de hoje, sempre aliada aos círculos do poder.

Epígono destas ideias, Graça Aranha assume papel importante no trajeto desta falsa vanguarda, pois, como bem é sabido, serve de elo entre eles (os dissidentes), os modernistas paulistas e a própria Semana de 22. Membro da Academia, com fácil trânsito entre os intelectuais do período, Graça Aranha – mesmo sem entender muito bem o que esses propunham, como nos conta Mário de Andrade – se alia ao modernismo paulista, compartilhando com eles o interesse pelo Brasil e certo antia-cademicismo (verdadeiro naqueles e superficial neste), além de alguma atração por novas formas (verso livre, temas nativos, etc.). É na semana de 22, entretanto, que ambas, a falsa e a “verdadeira” vanguarda, convivem de forma mais extensa e é aqui, também, onde Arnoni Prado oferece sua contribuição mais importante, expondo já no modernismo as diferenças entre o grupo de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia e o grupo de Mário e Oswald de Andrade. É exatamente quando os movimentos parecem coincidir que o autor mostra como, na verdade, já destoavam. Enquanto o interesse de Mário de Andrade era pela pesquisa antropológica e sem preconceitos do Brasil, Ronald de Carvalho prezava a abstração nacionalista e o elitismo intelectual; enquanto Oswald procurava a desordem e a explosão modernista, Menotti del Picchia e Graça Aranha queriam a ordem e a disciplina; enquanto os modernistas optavam pela revolução moderna e pelo primitivismo,

os dissidentes se amoldavam à nova ordem que surgia e ajudavam a reciclar as mesmas elites latifundiárias de sempre. O autor mostra, através de sua comparação e, mais especificamente, de sua leitura de Graça Aranha e Ronald de Carvalho, a característica arrivista dos dissidentes, que não hesitavam em se acomodar a novas ideias (como o próprio modernismo) quando essas lhes convinham, para largarem-nas em prol da estabilidade que um cargo público poderia oferecer, mesmo que isto significasse “encampar como suas as propostas que até bem pouco rechaçava[m]” (245).

E é dos limites estéticos e ideológicos de Graça Aranha e Ronald de Carvalho, de suas relações com teses raciais, com a ordem e a disciplina, além do “homem ideal”, que Arnoni Prado nos leva para os passos seguintes dessa falsa vanguarda, que se adaptara à República para se manter amiga do poder e que, com a ascensão de novas elites na década de trinta, não hesitara em se aliar ao Estado Novo, fosse através de um cargo público (Ronald de Carvalho) ou da fundação de um partido próprio (Plínio Salgado). É a partir dos próprios movimentos modernistas “Verde-Amarelo” e “Anta”, cujos manifestos ufanistas não permitem engano, que, na leitura proposta pelo livro, a Ação Integralista (o partido fascista brasileiro) se liga ao modernismo de ocasião e ao próprio nativismo de Elísio de Carvalho, completando um ciclo de intelectuais que, por trás de ideias supostamente avançadas e modernas, suportavam a manutenção das elites e buscavam privilégios para si próprios. É o mesmo “homem ideal” que, para os naturistas, levaria o Brasil adiante que, com Plínio Salgado, se “integraliza”, mostrando sua verdadeira face reacionária e elitista.

Se o trajeto descrito pelo livro, saindo de Elísio de Carvalho, passando por Graça Aranha e Ronald de Carvalho, e chegando a Plínio Salgado, tinha potencial para se tornar algo esquemático, a partir de uma análise histórica e literária Arnoni Prado faz com que esse trajeto ganhe vida e se torne convincente. A relação dos homens de letras com os círculos do poder econômico e político torna-se materialização da relação entre literatura e sociedade, tema caro à tradição na qual se insere o autor, orientado nesse trabalho por Antonio Candido. Ao pensar essa relação – além das leituras que o livro oferece de Elísio de Carvalho, João do Rio, Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Plínio Salgado – *Itinerário de uma Falsa Vanguarda* se faz muito mais interessante que alguns dos poemas que analisa, além de colaborar para uma melhor compreensão das complexidades e contradições do próprio modernismo de 22.

Marcelo Lotufo

Doutorando em Literatura Comparada
Brown University